

ORFEU E PERSÉFONE, O CAOS E A METAMORFOSE: UMA LITERATURA DE QUASE MORTE

No princípio era o caos. E o caos, massa informe e confusa, representava o aspecto da natureza por todo o universo, germes discordes de coisas mal combinadas, como Ovídio descreve poeticamente na introdução das *Metamorfoses*. O caos é o início da reflexão ovidiana sobre a origem das realidades do cosmos (homens, animais, objetos), um *caosmos* que a escrita torna elemento criativo, produtor de novos pensamentos e novas dinâmicas cognoscitivas.

Com a leitura desses textos, estamos frente a uma estranha dinâmica cognoscitiva, pois a ambiguidade que pervade a literatura contemporânea, as tensões que ele apresenta, o silêncio da fala e da linguagem que os textos carregam consigo manifestam uma impossibilidade de conhecimento completo. A totalidade que vem de uma escrita indagadora das profundezas do Nada se ancora, se amarra a uma experiência e a um sentimento que se revelam perturbadores do Indizível. Tudo é fronteiro. Especialmente, a linguagem, que, como diria Gilles Deleuze, “forma” o literário, mas deixa-o numa condição de in-conclusão: no momento em que ela constrói, não acaba, mas continua construindo, permanecendo num processo constante que beira o silêncio ou a incompreensibilidade, o som do irracional, o fracasso da palavra que se metamorfoseia, ela também, em puro som. Qual é o objetivo da voz, da linguagem, da palavra na produção literária contemporânea?

A voz constitui no inconsciente humano, uma forma arquetipal: imagem primordial e criadora, ao mesmo tempo energia e configuração de traços que pre-determinam, ativam, estruturam em cada um de nós as experiências primeiras, os sentimentos e pensamentos¹.

Os textos que aqui apresentam vêm, pela maioria, dos trabalhos de um grupo de pesquisa entorno ao tema da Morte na literatura contemporânea

¹ P. Zumthor: *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997: 12.

de língua portuguesa, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil) sob a coordenação da Profa. Lélia Parreira Duarte. A morte aqui não é entendida como proposta tematológica. Trata-se da morte “textual”, da morte como estrutura, eixo fundamental do texto literário. As obras, os textos, os autores considerados, entre os mais destacados da produção atual de América Central e Latina, conduzem o mito a um território onde a realidade, por sua vez, e especificamente, a realidade indizível da morte, torna-se “narrável”, isto é, torna-se, no espaço da narração, magicamente dizível. Escrever a morte, desta maneira, é reconhecer o próprio devaneio, o próprio desejo de captar os mistérios insondáveis do Ser, é instituir, por meio da narração uma reiterada ação do mito como “ferramenta de trânsito” entre a cultura letrada e a pergunta antropológica. Em outras palavras, é re-oferecer ao mito sua instância de “ponte” entre o aquém e o além, entre a terra e o profundo “depois” que somente a literatura pode propor e experimentar.

Com efeito, se o mito constitui (ou constituía) uma macrocategoria cultural, por meio da qual se reconstituía a experiência da realidade, no sentido de mito como “médio” — símbolo do imaginário que tenta justificar a história e dar razão do presente, a fábula rosiana declara a insuficiência da história para explicar o inexplicável.

A essa ausência de significação, o poeta responde através da imagem alegórica da transformação dos mitos, e não apenas da realidade. As metamorfoses representam o signo de uma realidade que está se dissolvendo, uma miragem que reflete problemas profundos e angustiantes.

Entre o canto de Orfeu e a máscara de Perséfone, os mitos que subjazem ao fazer literário, a literatura contemporânea aqui apresentada declara a força persistente da narrativa e da linguagem: metamorfoseando a fala e a personagem, confirma o caos e a morte, mas afirma, contemporaneamente, o poder do Texto e a vida na catástrofe e no silêncio.

Piliscsaba, Fevereiro 2012
Biagio D'Angelo